

Coimbra

Jornal de Estudantes da Universidade

ANO III

19 de Março de 1936

N.º 23

Direcção e propriedade de
Jorge de Morais e António Cruz (editor)

Administrador:

Joaquim Duarte de Oliveira

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Preço 50 centavos

Comp. e Imp. Rua da Sofia, 116

A propósito do Centenário da Universidade de Coimbra

Há dias, o *Diário de Coimbra*, referiu-se em editorial, ao centenário da transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra.

Esse artigo, escrito por pessoas de boa vontade, lembrava a conveniência de comemorar a data congnadamente, pois a estabilização da Universidade nesta cidade, conferiu-lhe um cunho especial, muito tendo contribuído para a sua vida e desenvolvimento.

Mas, se a cidade, em nosso entender, não deve ficar indiferente perante essa celebração, que-remos parecer que, aos elementos universitários, Professores e Alunos compete tomar a iniciativa.

Na verdade, pode bem afirmar-se que foi a remodelação feita por D. João III que conferiu a esta instituição o verdadeiro carácter universitário, de modo que a celebração do quarto centenário da transferência para Coimbra, pode dizer-se que corresponde á comemoração da verdadeira origem da primeira Universidade portuguesa.

O artigo a que faço referência, caiu... como pedra dentro de um póço.

Sei muito bem que a minha voz está destinada a perder-se também, sem haver um eco longínquo que a secunde.

Mas, como não sou pessimista, ouso esperar que a Academia ainda se possa interessar, com a sua mocidade e a sua alma generosa, pela vida da nossa querida Universidade.

No ano corrente passa o Centenário da Rainha Santa Isabel.

A actividade que se tem manifestado da parte de entidades oficiais, Comissões etc., deixam-nos prever que as festas respectivas terão a maior retubancia e brilho, o que só constitue motivo de rego-sijo.

Os trabalhos foram iniciados no ano transacto e, cremos, o tempo não sobrá.

Não será tempo também de pensar na celebração do Centenário da Universidade de Coimbra?

Dada a natureza do facto, essa celebração, sem excluir o carácter festivo que pode revestir, tem necessariamente de consistir em afirmações de vitalidade e de progresso científico.

Compreende-se que uma série de publicações, artigos, memórias, resenhas históricas, etc., serão a manifestação basilar de tudo o que se fizer.

Senhores universitários, Professores e Alunos, não será tempo de lançar mãos à obra?

MAXIMINO CORREIA.

ESTUDANTES: ao fazerdes as vossas compras deveis preferir sempre as casas que o vosso jornal anuncia. Assim lhe prestareis ótimo auxilio.

Visto pela Comissão de Censura.

Aos Portugueses do Continente e do Ultramar

A Academia de Coimbra, tendo tomado conhecimento do artigo do sr. Professor Pires de Lima, sob o título «A Academia de Coimbra em Angola», inserto em o jornal *Coimbra*, de 18 de Fevereiro próximo passado e abaixo transcrito, sente o imperioso dever de proclamar o seguinte:

1.º — Não foi a Angola apesar de solicitada por pessoas dessa colónia, com aplauso da imprensa local, por motivos alheios à sua vontade.

2.º — A Academia de Coimbra, o maior núcleo de população académica de Portugal, que vive intensamente, com cérebro e coração, os problemas actuais, tem consciência da sua dignidade moral e mental. Afirma-o altivamente.

Se é diversa das gerações passadas, sente, contudo, como elas, a mesma certeza duma missão histórico-social a desempenhar, e não engeita as responsabilidades que por isso lhe cabem.

Quem apodou a Academia de Coimbra de agregado de rústicos, turbulentos e antipáticos, procurou insultar uma parcela digna e valiosa da mocidade intelectual lusitana.

Não precisa a Academia de repelir a afronta. Precisa sim de a comunicar ao país para que êle a julgue e com ela o seu autor. Não lavra sentença em causa própria; remete-a à judicatura de quem tantas e tão sobejas provas de apreço e simpatia lhe tem dado. Confortada com essa simpatia a Academia de Coimbra sabe desde já o que será o veredictum da opinião pública portuguesa e vê amarrado ao pelourinho o excursionista do Cruzeiro que a tentou ferir.

3.º — A Academia de Coimbra repugna classificar a manobra que visou a alçapremar (*et pout cause...*) certa parte dos turistas do «Moçambique» à categoria de estudantes da velha Universidade coimbrã.

4.º — A Academia de Coimbra afirma ao sr. Professor Pires de Lima a sua respeitosa gratidão pela energia e sinceridade que soube dar aos termos de defeza do bom nome dela.

5.º — A Academia de Coimbra saúda a população das colónias portuguesas, a quem espera algum dia levar, nas suas capas negras, testemunho de admiração e de entusiasmo, revelando-lhe a mocidade universitária — a verdadeira! — não a contrafacção anémica e crepuscular que em seu nome procuraram impôr-lhe.

A Academia de Coimbra em Angola

Tinha partido a bordo do «Moçambique» inscrito no «Cruzeiro de Férias às Colónias». Ideia notável da revista *O Mundo Português*, êsse cruzeiro ia tornar conhecidas as Colónias da Africa Ocidental de muitos professores e dos melhores estudantes dos nossos estabelecimentos de ensino, e levar, por outro lado, esperanças de

melhores dias aos colonos que se debatiam numa pavorosa crise económica.

Havia horas que navegava a bordo do «Moçambique» e procurava, em vão, uma cara conhecida da Academia de Coimbra. Então a «Tuna Acadé-

Dr. Elias de Aguiar

Morreu o Dr. Elias de Aguiar! .. Morreu *Alguem* que pôs a Academia de luto pelo muito que lhe ficou devendo! Alguem que passou pela nossa geração e que encaminhou os nossos primeiros passos! E são tão raros estes exemplos de carinho e amor! ..

«Coimbra», nesta hora de profunda dor, traça estas linhas incertas, que mais não são que a simples exteriorização duma parcela do seu sentir. São momentos difíceis de explicar estes, em que a dor nos tortura e as lágrimas nos velam o olhar...

Morreu de facto um homem a quem a Academia não poderá esquecer, pelo carinho e dedicação extrema que d'Ele sempre recebeu!

E ao lembrarmos o seu nome não podemos deixar de o encarar como um *simbolo* de excelsas virtudes que todos lhe reconheciam.

A Academia, vestida de luto, ocorreu ao seu enterro.

E nós, associamo-nos compungidos à sua dor, que é também a nossa, lançamos um apêlo aos estudantes para que uma lápide, colocada na Associação Académica, recorde para sempre a sua saudosa memória.

O Dr. Elias de Aguiar faleceu sexta-feira, dia 13, pelas 17,45, no Seminário da Diocese, tendo a noticia da sua morte, que o público conheceu pelos nossos *placards*, consternado profundamente a cidade e especialmente os meios académicos.

O corpo do saudoso extinto foi velado, durante toda a noite e até às 15 horas do dia emediato, por turnos constituídos por quatro estudantes do Orfeon e dois seminaristas.

A esta hora realizaram-se os funerais do Seminário para o cemitério da Conchada onde o corpo ficou depositado até segunda-feira, dia em que se fez a trasladação para Vila do Conde, terra natal do extinto.

Encorporaram-se nos funerais várias individualidades de destaque, notando-se, porém, a falta das instituições de caridade que injustamente esqueceram tanto bem que lhe deviam.

E' de facto uma ingratidão bem digna de reparo e nós não podemos deixar de registá-la.

Entre as pessoas que acompanharam o extinto destacamos os srs.: Dr. João Duarte de Oliveira, Reitor da Universidade; dr. Lopes de Almeida, que representava o Director da Faculdade de Letras, dr. Eugénio de Castro, e conduzia a chave da Urna; drs. Mário de Figueiredo e Pires de Lima Professores da Faculdade de Direito, que envergavam capa e batina; dr. Maximino Correia e José Coelho dos Reis, representando a Sociedade Filantrópica Académica; Raposo Marques, director artístico do Orfeon Académico de Coimbra, que representava o sr. dr. Pereira Dias, Director Geral

(Conclui na 6.ª página)

(Conclui na 2.ª página)

Aos Portugueses do Continente e do Ultramar

(Conclusão da 1.ª página)

mica e o team da Associação, cuja partida todos anunciavam?

Não via ninguém. À hora das refeições caras desconhecidas e nada académicas ocupavam as mesas. Viam-se marquezes, condes, caixeiros viajantes, funcionários dos Ministérios, alguns distintos oficiais do exército e o nosso grande actor Amarante a quem semanas depois um incidente na caça me havia de ligar por laços de inesquecível amizade.

Estudantes? Professores? Sim, viam-se alguns bichos do Liceu, tristes na sua modestia a contrastar com tamanha grandeza, uma meia dúzia, não mais, de estudantes universitários do Porto e de Lisboa, bastantes alunos das escolas comerciais e industriais e alguns professores. De Coimbra, porém, eu apenas.

A viagem prosseguia... e parecia, dia a dia, que os estudantes iam desaparecendo e apareciam mais marquezes, mais condes, mais caixeiros viajantes, a ocuparem os lugares de destaque e os poucos automóveis que certas Colónias pobres punham à disposição do «Cruzeiro» para a visita dos lugares turísticos.

Senti nessa altura, e muito, a falta da Academia de Coimbra.

Procurei indagar dos motivos da sua ausência!

«É uma academia pouco simpática, pouco delicada e muito turbulenta», disseram, e essa foi a única resposta que pude obter!

Mas se a Academia de Coimbra não visitou Angola, ela foi recebida em Angola, como o poderei testemunhar.

Tinhamos lançado ferro na linda enseada de Luanda.

No cais centenas de pessoas aguardavam a chegada da Academia.

Sou dos primeiros a desembarcar e, enquanto abraço alguns velhos amigos, discípulos e contemporâneos, vou assistindo à chegada dos restantes passageiros e ao desânimo sempre crescente dessa multidão ao ver, por cada gasolina que acostava, perder-se as esperanças da visita dessa lendária academia que ansiosamente aguardava.

Muitos me perguntam: então a «Tuna» e o team de foot-ball?

Só sabia responder-lhes: — Não vieram e não podia adiantar nem mais uma palavra.

No dia seguinte um jornal académico fazia humorismo acerca da *raquítica academia de bordo*, e os passageiros eram olhados pelos colonos com ar de desconfiança.

Prosseguimos viagem.

No Lobito esperava-nos uma grandiosa manifestação e, enquanto os colonos, ocupando todo o cais, lançavam entusiásticas vivas, a bordo, dois ou três passageiros tiravam fotografias.

Sobe uma comissão e em vão procura pelos corredores pessoas a quem se dirija, até que, baldados os esforços, os colonos começam a esfriar e, passados minutos, todos desaparecem saltando justíssimas imprecações.

Estava designado para esse dia a recepção das autoridades. Não apareceu nenhum colono e a recepção foi adiada *sine die*, começando logo a bordo a correr versos humorísticos e quasi insultuosos, enquanto que em terra ainda iam alguns perguntando pela Academia de Coimbra, confessando o maior dos desapontamentos. — Porque não veio a «Tuna» e o team de foot-ball como os jornais anunciaram?

Eu continuava a não poder responder-lhes...

Carta ao Poeta Afonso Duarte

*E' da nossa Coimbra que te escrevo,
e quem dera poder fazer a tinta
dessa bendita luz com que o sol pinta
o velho casario medievo!...*

*Lembras-te como a gente aqui se prende
a um sonho, a um beijo, à graça das saudades?
— Oh Coimbra sem par! Flor das cidades! —
Coisas que só o coração entende...*

*Lembras-te? — Os nossos santos: o Mondego,
sombros, luars, poentes outonais
e a doce e linda Inês, posta em socêgo,*

*só faziam milagres para nós!
— Davam-nos versos, simples e leais
como os dos choupos... se tivessem voz!*

ANTÓNIO DE SOUSA.

Farmácia Luciano & Matos

Depois de ter sofrido importantíssimos melhoramentos, reabriu a Farmácia Luciano & Matos, estabelecimento que se impõe pelo alto critério com que é dirigido e que muito contribuiu para valorizar a Rua da So a, artéria das mais importantes da cidade.

Porque se trata de uma iniciativa de vulto e digna de todos os elogios, aqui fica registado o nosso aplauso.

Em Benguela somos recebidos no edifício dos Paços do Concelho.

Ainda se mantinha a atmosfera de desconfinança e um dos dirigentes do Cruzeiro, dominado pelo que os jornais impiedosamente diziam e, mais do que os jornais, os próprios colonos, de boca em boca, faz um colorido do académico de hoje e do académico de ontem, o de hoje estudioso e frio, o de hontem boêmio e folgasão, tentando por essa forma demonstrar que uma excursão de estudantes tem hoje realmente de se apresentar com o ar frio de um passeio de *touristes*, sob a forma característica duma viagem organizada pela agência «Cook».

Não tinham, pois, os colonos com que se espantar.

Seguimos para Mossamedes. O programa de recepção foi enviado para bordo telegraficamente e afixado no placard. Lá estava marcado um desafio de foot-ball, entre os campeões locais e o team académico.

Creio que já não houve coragem para anunciar mais uma vez que o team da Associação Académica tinha ficado em Coimbra e procurou-se organizar apressadamente um onze a bordo.

No dia seguinte desembarcamos. O mesmo desânimo por parte de todos, ao saberem no continente os estudantes de Coimbra, era a nota dominante, tanto mais que em Mossamedes tinha corrido insistentemente o boato de que os académicos vinham alcançando vitórias esmagadoras nas outras cidades de Angola.

A's quatro horas passava eu casualmente perto do campo de foot-ball, então cheio de gente. Tratava-se do desafio anunciado e um team local treinava-se junto às redes aguardando a chegada dos campeões de Coimbra.

Passa-se uma hora, passam-se duas e o povo impaciente vai abandonando o campo.

O que significa isto? — pergunto a alguns excursionistas — Então a Direcção do Cruzeiro não desmentiu a notícia?

A Direcção tinha ido passear, e os poucos estudantes que faziam parte do «Cruzeiro», abandonados nas ruas da cidade, iam recolhendo envergoados a bordo para não ouvirem o que deles se dizia nos cafés e nos bancos dos jardins.

A Academia de Coimbra não foi realmente a Angola...

Dr. Joaquim Veiga

Encontra-se doente, há já algum tempo, o nosso queridíssimo amigo dr. Joaquim Veiga, distinto quintanista de Direito.

O seu nome é bem conhecido dos nossos leitores que tantas vezes admiraram os seus versos de artista, nos quais transparecia sempre a sua sensibilidade requintada e toda a sinceridade da sua alma de poeta!

Está doente o nosso querido Amigo dr. Joaquim Veiga. Temos, porém, a esperança de que o havemos de ver em breve restabelecido e, nesse sentido, fazemos votos de profunda sinceridade nos quais não nos é possível ocultar a angustia sentimos de o ver doente.

Académica - Setúbal

Se alguma coisa neste mundo é vil e desprezível, se alguma coisa o homem de bem deve odiar e afastar do seu caminho com repugnância, se alguma coisa há que torture a razão, isso, — é a Injustiça.

Não podes ler esse artiguinho do Stadium n.º 212 sobre o jogo Académica-Vitória, sem sentir a mais viva indignação, sem me subir ao rosto vergastadas de sangue quente, pelas chitotadas da injustiça dum crítico de mal fé, que não soube ver e mal escreveu o que mal viu. O publico de Setúbal foi na jornada de 2 de Março incorreto, os jogadores do Vitória violentos.

Não foram duros, foram violentos, desleais, agressores. Dos jogadores da Associação Académica poucos voltaram sem aleijões de maior ou menor gravidade: Pimenta, inutilizado por três jogos; Mário magoado; Tibério de costelas amolgalas pelas cabeçadas de Cruz e do avançado centro.

Só José Maria, que respondera á violência com a violência, voltou ileso e sem feridas, embora fôsse em campo mimoseado com alguns socos do extremo esquerdo. Os goals contra o Vitória foram sem conta e muitos passaram através das largas malhas do conceito: «jogo duro.»

E no meio de tal ambiente nem um recurso, um unico sorriso de compreensão inteligente: dum lado a ferocidade das «feras» (como muito bem diz o aludido crítico); do outro a ferocidade do publico e, concertando esta harmonia, o árbitro pouco enérgico, vivendo egoisticamente seguro num ambiente de tempestade.

Não tenho saudades deste jogo com o Vitória e se a mim, que sou desportista, me fosse permitido guardar rancores, eu odiaria esse avançado centro que ganha o seu dinheiro para jogar Foot-Ball e não sabe que a maior parte dos árbitros lhe não permitiriam atirar-se de cabeça ao guarda redes; censuraria esse extremo esquerdo, que aproveitando a circunstância de jogar em sua casa agride a sócia a defesa adversária! Mas... isto passa-se em

Uma carta

O sr. dr. António de Sousa, presidente da Assemblia Geral da Associação Académica, recebeu do sr. dr. Pires de Lima a seguinte carta, cuja publicação nos pede:

... Senhor Presidente da Assemblia Geral da Academia:

Tomei há dias conhecimento de que a Academia, em sessão magna, tinha deliberado honrar-me com um voto de reconhecida homenagem pela publicação dum artigo no jornal «COIMBRA» intitulado «A Academia de Coimbra em Angola», e transmitir-se esse voto no Páteo da Universidade numa grandiosa manifestação de simpatia.

Eu fui no passado verão a Angola no «Cruzeiro de Férias» e se é certo que me senti profundamente magoado com o ambiente de pouca consideração e simpatia que parece ter-se pretendido criar á volta da Academia de Coimbra, não só no «Moçambique» mas entre os próprios colonos, a verdade é que nunca levantei a minha aliás impotente voz em sua defeza.

Porquê, então, essa homenagem?

Afirma a Academia que eu assumi uma desassomburada attitude em sua defeza publicando aquêl artigo. Ora, verdade é também que não se encontra nêl uma palavra sequer em defeza da Academia porque não é de deñde-la dizer que ela seria incapaz de dixer naufragar tão tristemente aquêl pobre «Cruzeiro de Férias», e de nos envergonhar tão lamentavelmente aos olhos dos colonos.

A Academia apenas podia ter notado através dêsse artigo a minha natural repulsa pela antipatia que lhe votaram certos membros do «Cruzeiro».

Mas é isso motivo para uma homenagem?

A Academia esqueceu-se que eu vesti como estudante durante 5 anos a capa e a batina que ainda hoje visto como professor, e que não posso por um sentimento natural deixar de me considerar em qualquer parte em que me encontre, em Coimbra e sobretudo fóra de Coimbra, ainda como um elemento da sempre «briosa» Academia de Coimbra.

A Academia não tinha positivamente motivo para me prestar tão grandiosa homenagem. Mas, talvez por isso mesmo, ela toque ainda mais profundamente o meu coração, porque é sem divida produto duma simpatia, a maior a que um professor desta Universidade pode aspirar — a da sua Academia.

Peço por isso a V. Ex.ª para apresentar á Academia, em meu nome, na próxima reunião magna, o meu sincero «muito obrigado».

E agora resta-me pedir a V. Ex.ª ainda um favor: ser interpretado junto da Academia do meu grande desejo de que se não realize a manifestação anunciada para o Páteo da Universidade.

Já não pode a Academia prestar-me mais grandiosa homenagem do que a que me prestou. Para quê, agora, o aparato e o publico tão pronto sempre a deturpar intenções e ver naquêl meu artigo não um grito de revolta interna e sincera mas uma attitude reservada e conscientemente ágrida?

E', creia, um grande favor que me faz, e que estou certo me fará a Academia de Coimbra.

Com os meus agradecimentos creia-me...

Fernando Andrade Pires de Lima

Setúbal e sobre isto os jornais desportivos não dão uma palavra. Se fóra em Coimbra, bom Deus...

Curvo-me submisso perante os destinos de cada um, e não me contendo sem enviar daqui uma saudação a Armando Martins, graças a quem o furor desportivo do Vitória foi até certo ponto moderado para salvação do nosso fisico e exemplo raro do desportista.

Cristóvão Lima

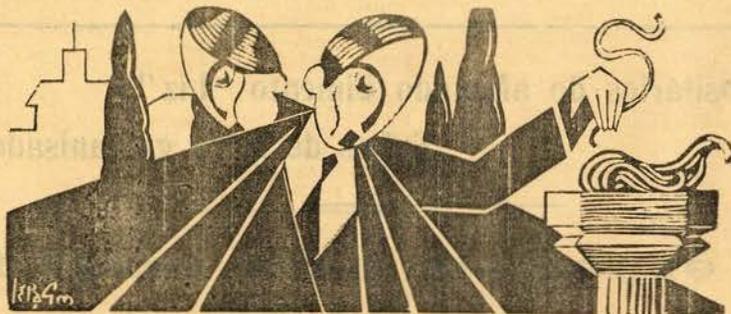
QUEIMA DAS FITAS

Grandiosas festas dos  QUARTANISTAS da
Universidade de Coimbra de 23 a 28 de Maio

PROGRAMA

Majestoso baile das Faculdades;
Formidável Garraçada na Figueira da Foz;
Deslumbrantes festivais nocturnos no Parque da Cidade; Tarde desportiva no Campo de Santa Cruz;
Dia do Quintanista;

|| Dia do Grelado;
Espirituosa Paródia ao Cortejo Medieval;
Magnífico Sarau promovido pela Sociedade Filantropico-Académica com a colaboração das Agremiações artísticas da Academia;
Imponente cortejo dos QUARTANISTAS.



10 — Gaiteiros — 10

5 — Bandas de Música — 5

« Foguetório em barda »



« Alegria & Etilização »

Olimpio Medina

EDITOR DE MUSICA

Instrumentos para:
Banda
Orquestra
Tuna
e JazzO maior
sortimentoOs melhores
preçosRua Visconde da Luz, 36-1.º
COIMBRA**MANTEIGARIA****Flôr de Coimbra**

RUA DA SOFIA, 27

LEITE & IRMÃOSA melhor manteiga
que se vende em
Coimbra a que o
público prefereESTUDANTES: exige nas vossas
pensões a manteiga
desta Casa

VINHOS DO PORTO: Riquessa Nacional...

VINHOS FINOS DO DOURO

Todos os nossos tipos de VINHOS DO DOURO, são colhidos nas nossas propriedades, aqui armazenados e daqui expedidos directamente.

O escrupulo e o cuidado que presidem a todos os serviços, assim como a situação das nossas vinhas, e a seleção primorosa das castas, são garantia absoluta da superioridade dos nossos produtos e da genuína pureza.

Nós nunca tratamos de fabricar à pressa vinhos baratos, para combater outras marcas, baratas ou caras, espalhadas pelo País. Desejamos tão somente tornar conhecidos dos bons apreciadores os excelentes e incomparáveis VINHOS GENEROSOS DO DOURO, a única região portuguesa que pode dar o que há de melhor neste género, tão vulgarizado e infelizmente tão falsificado.

Peçam: - **DOURO VELHO** -
de JOÃO ALVES BARRETO - **RÉQUA**
Ao Distribuidor: Gregório Silva Peixoto
Praça do Comércio - COIMBRA**Adelino Frias Júnior**

OFICINA DE:

Carrosseries e Carruagens

Pintura a **DUCO**

Edifício próprio:

Rua Dr. Rosa Falcão
(Em frente ao Palácio da Justiça)Telefone **881****COIMBRA****Materiais de construção****Louças Domésticas e Sanitárias****Instalações de casas de banho****Grande Depósito de Louças de ferro esmaltado**

Banheiras

Cofres

Fogões

PLÁCIDO VICENTE & C.ª L. DA**RUA DA SOTA****TELEFONE, 453****COIMBRA**

Vidros

e

Cristais

Agentes e Depositários do afamado Cimento "Liz"**Tubos de ferro galvanizado e acessórios****Preços especiais para revendedores****FARMÁCIA****Silva Marques**Director técnico: B. SILVA MARQUES
Telefone 531Especialidades farmaceuticas
Perfumarias
nacionais e estrangeiras,
Artigos de Toilete,
Pó dentifrico Zurdia o melhor
para os dentes128 - RUA DA SOFIA - 133
COIMBRA**AUTOMÓVEIS****FORD****LINCOLN****MODELOS 1936**

EM EXPOSIÇÃO NA

Agencia FORDRua da Sofia, 177
COIMBRAAcadémicos: preferi, para as
vossas excursões, os AUTO-CARS de**Moisés C. de Oliveira**

Máximo conforto e mínimo preço

Carreiras diárias entre

Coimbra-Tentugal

e Carapinheira-Arazede

Escritório: RUA DA SOFIA, 81
COIMBRA

Os Licenciados em Ciências e Letras

A situação dos Licenciados em Ciências e Letras pelas Universidades Portuguesas, que dia a dia se tem tornado consideravelmente agravada, não só pelo excedente número daqueles que não têm tido entrada no magistério liceal em consequência da limitação dos seus quadros, como também porque, digamos, não lhes têm sido dadas oficialmente quaisquer garantias para poderem exercer condignamente a sua actividade, deveria ser cuidadosamente ponderada e estudada, a fim de evitar que ela se prolongasse por mais tempo insustentável.

Dever-se-ia dar aos referidos licenciados a posição social a que têm jus, como compensação do seu esforço e muitas vezes sacrificios despendidos para conseguirem a almejada carta de licenciatura. Seria também igualmente de toda a conveniência promover o desenvolvimento de condições, para que as Faculdades de Ciências e Letras das Universidades do País não se definem em virtude de ser cada vez mais escassa a sua frequência; para isso, tornar-se-ia imprescindível um estudo aturado e profícuo com o objectivo de dar aos cursos das suas licenciaturas uma finalidade vantajosa. Vejamos mais pormenorizadamente a verdadeira situação crítica que estão sofrendo os Licenciados em Ciências e Letras; situação de-veras lamentável e pouco invejável e que requiere uma mediata solução:

O ingresso dos referidos licenciados para o magistério secundário oficial, — única e insignificante saída dos cursos em questão, exceptuando alguns grupos de Letras que dão entrada nas Escolas Técnicas — tem sido, como é do conhecimento de todos limitado, tendo-se, porém, restringido a tal ponto a admissão ao Estágio Liceal nos últimos anos, que a poderemos considerar praticamente nula. Entretanto, continuam as Faculdades de Ciências e Letras a fornecer ininterruptamente cartas de licenciatura, lançando para a vida prática um elevado número de indivíduos inactivos e revoltados.

Que destino pensa dar-lhes o Estado a fim de evitar que se avolumem esse número de intelectuais sem colocação?

Ao Governo compete adoptar medidas tendentes a permitir que os indivíduos diplomados pelas Universidades do País possam trabalhar, livrando-os de cair na miséria irremediável, promovendo a sua colocação condigna e dando-lhes o direito de ocupar na sociedade a situação que merecem.

E' necessário para isso, que se acabe de vez com a insaciabilidade de certas criaturas, não permitindo inexoravelmente o imoral acaumbaramento de lugares; é inacreditável que o egoísmo desses indivíduos tivesse atingido tão elevada proporção, porquanto temos chegado ao conhecimento que alguns desses privilegiados, têm tido a ousadia de se manifestarem indignados ao terem sabido que os Licenciados em Ciências e Letras andam empenhados em resolver junto dos Poderes Públicos a sua situação e bradam que estes os querem prejudicar nos seus interesses!

O exercício do Ensino Particular por indivíduos que ocupam outras profissões, com manifesto prejuizo daqueles que nada têm, e que vem sendo usurpado aos Licenciados em Ciências e Letras, deveria ser expressamente proibido.

O Ensino Técnico, que em Portugal é ministrado na sua maior parte por indivíduos que possuem, em geral, as mais variadas ocupações, precisaria, ser completamente remodelado; é de notar o facto extraordinário deste ensino não poder ser exercido pelos Licenciados em Ciências!

Alguns lugares públicos dependentes do Ministério da Instrução Pública — conservadores e preparadores dos estabelecimentos de ensino universitário,

Dr. Maximino Correia

Colabora hoje pela primeira vez neste jornal o sr. dr. Maximino Correia, Professor distinto da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Pelo muito que nos honra aquele catedrático illustre dando-nos tão valioso concurso, não podemos deixar de registar este facto com verdadeiro entusiasmo, tanto mais que pelas suas brilhantes qualidades o sr. dr. Maximino Correia faz parte do número daqueles Professores a quem a Academia sinceramente estima e justamente admira.

O artigo do sr. dr. Maxi-

mino Correia é cheio de oportunidade e não resta dúvida de que a opinião académica se fará eco de tão justas considerações. A Universidade de Coimbra tem por direito um lugar de incontestável relêvo entre as Universidades do Mundo e o seu prestígio, justamente adquirido, é o legitimo orgulho não só de nós, estudantes de Coimbra, mas de todos os portugueses.

A ideia do illustre Professor tem desde já o nosso inteiro aplauso e, dentro das nossas possibilidades, colaboraremos com tão feliz iniciativa.



rio, chefes de secretaria dos liceus, etc. — que vêm sendo exercidos por indivíduos com precária preparação na sua maioria, deveriam ser destinados, com vantagem, aos Licenciados em Ciências e Letras.

Assim, salvo melhor opinião, poder-se-iam facultar aos referidos Licenciados melhores possibilidades de colocação, resolver-se-ia a crise implacável que os atingiu sem disso terem a mínima culpa e fortalecer-se-iam as Faculdades de Ciências e Letras do País, proporcionando aos possuidores das suas licenciaturas maior amplitude de possibilidades de colocação e dando-se-lhes razão da sua existência.

Estamos convencidos de que Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Instrução Pública, há-de por certo resolver este grave problema e tomará de igual forma a louvável atitude dos Ex.^{as} Senhores Ministros da Justiça e das Obras Públicas, e bem assim a do Senhor Director Geral do Ensino Técnico, que têm diligenciado com o melhor êxito em colocar os Licenciados em Direito e os Diplomados pelos Institutos e Escolas da Universidade Técnica, os quais estariam ainda hoje nas mesmas condições de desamparo dos Licenciados em Ciências e Letras, se não tivessem tido a valiosíssima protecção de Suas Excelências.

Oliveira Santos.



Avenida — Hoje, amanhã, sábado e domingo: Era uma vez dois valentes com Bucha e Estica.

Sousa Bastos — Hoje: Quadrilha do Terror 2.^a jornada — Baile do Savoy. Amanhã, sábado e domingo: Cleopatra.

Tivoli — Amanhã: Companheiros de viagem.

Sábado e domingo: Dançavo azul.

Intimidade

*Dura atmosfada
numa cama de caal,
não sei porque,
faz-me supor
que não reina o amor...
que o por vice mal...*

*Se a nossa cama
durs liver,
e tu me quizeres
como eu te quizer,
;mui desprezada
terá de viver
a minha atmosfada!...*

*A minha, ou a tua,
não sei qual, ao certo,
mas há-de ser uma,
p'ra as nossas cabeças,
pousadas na mesma,
fiarem mais perto.*

*Voltada p'ra mim,
enquanto te enlaço
pela cintura,
sentir o teu braço
rodear-me o pescoço...*

*— Que ventura!
... e tens olhos nos meus...
tua boca na minha
em beijos de amor!...
Os anjos, no céu,
Nem sonham melhor!!!...*

*Se dormirmos assim
é dispensada
(pelo menos por mim)
a outra atmosfada.*

HUGO NUNES DA SILVA.

Dr. Elias de Aguiar

(Conclusão da 1.^a página)

do Ensino Superior; drs. Ferrand de Almeida e Augusto Cardoso, representando a Câmara Municipal de Coimbra; António de Sousa, José Barbosa, Polibio Gomes dos Santos e Ernesto Andrade, directores da Associação Académica; Armando Reais Pinto, vice-presidente da Tuna Académica; João Antunes de Sousa, José Campos Corôa e José Duarte de Oliveira, constituindo uma delegação do Fado Académico; uma delegação de três estudantes do Orfeon Académico de Lisboa; dr. Barros e Cunha, representando o Comandante da 2.^a Região Militar; Drs. Anibal Cabral e Ferreira da Costa, representando o Liceu Julio Henriques; D. Elisa Ferreira, reitora do Liceu Feminino; drs. Alvaro de Matos, Lucio de Almeida, Mário Trincão, Meliço Silvestre, Anselmo Ferraz de Carvalho, Rocha Brito, Professores da Universidade; eng. Abel Urbano; dr. Humberto Araujo e dr. Ferreira da Costa. Os estandartes do Orfeon, Tuna e Fado Académico de Coimbra e Orfeon Académico de Lisboa, seguiram a urna cobertos de crepes.

A direcção do Orfeon Académico de Coimbra recebeu telegramas de condolências dos srs.: drs. Carneiro Pacheco, Ruano Pera, Guilherme Rodrigues, Raul Casimiro, Amandio Marques, Fausto Neves, Artur Paredes, José António Cristina Monteiro, Serrano Batista, José Guilherme, Pereira Dias, João Vieira, Batista Morais, Abel de Andrade, Adelino Simão, António Pires Cardoso, Amílcar Carneiro Franco, Fernando Costa, Tomás Cardoso, Alfonso Sousa, Dias Pereira, Carlos Silva, Rocha Pinto, Artur Almeida, Fernandes Martins, Herminio Nascimento, Vitorino Nascimento.

Enviaram também telegramas de condolências às seguintes agremiações: Orfeon Lamecense, Orfeon Luitano, Orfeon Académico do Instituto Industrial do Porto, Orfeon de Espinho, Orfeon do Porto, Fado Académico, Associação Académica de Coimbra, etc.

Porque seria?

O Despertar de 22 de Fevereiro p. p. sob a epigrafe *Porque seria?* escreve os seguintes dizeres:

«Porque seria que Coimbra, jornal dos estudantes da Universidade, na sua secção «Vida Académica», no último número, omitiu o nome de O Despertar a quando dos cumprimentos, há dias da direcção do Orfeon Académico às redacções de vários colegas locais?

Porque seria, novamente perguntamos?

Os anjos que nos respondam, se Coimbra não nos quizer dar esse inefável prazer...»

A inferioridade com que esta local está escrita é incompatível com a categoria que atribuímos a O Despertar, em consequência da consideração que o merece o seu Director, sr. Ernesto Donato.

E tomar conhecimento dum escrito tão caracteristicamente inferior é incompatível com a indole do nosso jornal.

Festa de despedida

Anunciase, para o dia 25 de Abril, um baile que os quintanistas de Medicina pretendem levar a effeito como festa da sua despedida. Está já constituída uma comissão para esse effeito, devendo o produto destinarse a «Obra do Enxoval do recém-nascido» da Maternidade,